
Que escola é essa?

estrutura do discurso narrativo ficcional e suas diferentes escolas¹

Gabriela Torres²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Com a finalidade de compreendermos, a partir da Análise do Discurso, como as séries produzidas pela Globo *Anos Dourados* (1986), *Anos Rebeldes* (1992), *Malhação - Viva a Diferença* (2017) e *Segunda Chamada* (2019 e 2021) tratam da educação e da escola pública em suas estruturas narrativas, criamos e aplicamos categorias de análise a partir da fundamentação teórica estabelecida por Paulo Freire. Esse estudo contribuiu para maior percepção de contradições e incoerências na concepção de elementos comuns aos diferentes discursos; caracterização desses mesmos elementos; aprofundamento das perspectivas ideológicas dos discursos; e correlação das diferentes construções narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; narrativa; ficção; discurso; educação.

TEXTO DO TRABALHO

Com a finalidade de compreendermos, a partir da Análise do Discurso, como as séries produzidas e veiculadas pela Globo *Anos Dourados* (1986), *Anos Rebeldes* (1992), a temporada *Viva a Diferença* de *Malhação* (2017) e *Segunda Chamada* (2019 e 2021) tratam da educação e da escola pública em suas estruturas narrativas e de tecermos comparativo entre essas diferentes construções no que diz respeito à concepção de escola e de seus principais elementos comuns, propomos a criação de categorias de análise à luz do campo da Educação. Para tanto, partimos das contribuições deixadas por Paulo Freire, um dos maiores pensadores da Educação no Brasil e no mundo, cujo pensamento desde a década de 60 norteia teorias educacionais no país e no mundo. Suas obras, referências fundantes de seu pensamento, *Pedagogia do Oprimido* (primeira edição publicada em 1968) e *Extensão ou Comunicação?* (primeira edição datada de 1969) constituem-se nas principais referências desta investigação.

Apostamos, portanto, numa proposta de análise que visa tangenciar a interseção entre as áreas da Educação e da Comunicação, mais precisamente pela via da Análise do Discurso, com vistas a intensificar a investigação sobre o presente fenômeno

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Ficção Televisiva Seriada, do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e bolsista CAPES, email: gabrielatorres@usp.br.

comunicacional, como também gerar contribuições para discussões entre ambas as áreas do saber. A Análise do Discurso Francesa surge na Europa na década de 60 tendo como pilares teóricos a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A partir da Linguística, a Análise do Discurso considera a opacidade da linguagem debruçando-se sobre o discurso não apenas pela construção textual, mas também sob perspectivas histórica e contextual. Do materialismo histórica a Análise do Discurso (AD) desenvolve o entendimento da linguagem como constructo ideológico, ao mesmo tempo em que reflete a ideologia, participa da sua construção. A noção de deslocamento do sujeito é herdada da Psicanálise, o sujeito atravessado pela linguagem reflete outros discursos, assim como seu inconsciente.

A Análise do Discurso faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos (ORLANDI, 2015, p. 20).

O Discurso ou a formação discursiva são produzidos por uma comunidade discursiva, Dominique Maingueneau fala de como a AD compreende essa dinâmica: “por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva” (1993, p. 56). No caso do objeto empírico dessa pesquisa consideramos como “formações discursivas” os diálogos entre os personagens que tratam da escola e de questões educacionais e como “comunidades discursivas” o universo ficcional de personagens em torno das escolas que compõem a trama de cada audiovisual estudado.

A partir da dinâmica das comunidades discursivas dessas narrativas seriadas, foram geradas as seguintes categorias para análise: Escola(s), Discente(s), Docente(s), Funcionária(os), Direção da Escola e Direção Pedagógica, Comunidade Escolar. Optamos por analisar essas categorias em relações umas com as outras, haja vista a dinâmica inter-relacional entre elementos/sujeitos. Essa compreensão de observação do fenômeno comunicacional coaduna com o pensamento freiriano que aponta para a necessidade de percepção do *Ser* em relação, em relação com os outros seres, e o *Ser* em relação com o mundo, ou seja, com seu entorno, seu contexto sócio-histórico. Essas categorias e as relações estabelecidas entre as mesmas em cada narrativa seriada são submetidas ao viés educacional teórico com vistas a gerarmos análise de efeito comparativo para melhor entendimento de possíveis padrões adotados ou construídos por

cada narrativa comunicacional. Vamos, portanto, a alguns dos conceitos fundantes do pensamento freiriano que servem de base para a constituição de categorias aplicadas a análise do texto.

Categorias Freirianas

Educação Bancária

A Educação Bancária implica em prática educativa baseada no depósito de informação por meio de processo de dissertação/narração. Este processo se estabelece a partir da compressão de uma realidade estática, cabendo, portanto, ao professor, sujeito da ação, depositar os conteúdos já estabelecidos na mente “vazias” dos alunos.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julga nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 2005, p. 67).

Neste modelo, como dito por Freire, reproduzidor dos sistemas opressivos da sociedade e fortalecedor do *status quo*, a educação é compreendida como transmissão de conhecimentos que se realiza a partir de um pólo gerador (professor) ao pólo receptor (aluno). A Educação Bancária, portanto, traz como perspectiva a adaptação dos educandos ao meio, mesmo os marginalizados são levados a integrar-se à estrutura que os oprime.

Educação Dialógica

Para que o processo educacional se realize como prática de liberdade sobrepujando as contingências do mundo opressivo, faz-se necessária a superação da perspectiva bancária de educação. Este processo só pode ocorrer a partir da resignificação da ideia do *Ser* que passa ser compreendido como Sujeito, como *Ser* de relação (com outros homens e no e com o mundo), portador de saberes adquiridos das práticas culturais. O conceito de Educação Dialógica parte do diálogo, da troca, e da perspectiva de mudança do mundo pelo *ser* humano. Esta compreensão constitui-se na pedra de toque da teoria freiriana de educação uma vez que a partir desse pressuposto ocorre uma ruptura essencial: a superação da posição de *coisa*, como na educação bancária. O sujeito é um ser humano capaz, não apenas de compreender o mundo, mas

também de modificá-lo. O conhecimento, então, rompe com o caráter estático e adquire grandeza histórica e contingente.

Opressor / Oprimido

O conceito Opressor/Oprimido ocupa centralidade no pensamento freiriano e constitui-se na percepção de relação social dicotômica, como o próprio nome indica, de opressão, autoritarismo e alienação de um sujeito (o Opressor) para com outro (o Oprimido). Essa relação deve ser compreendida de forma dinâmica uma vez que o Oprimido, como ser duplo, hospeda também o Opressor dentro de si e, apesar do seu caráter ontológico, social e histórico, inclusive por isso mesmo, reverbera em instituições como a escola.

A superação desse modelo dá-se a partir da conscientização do Oprimido que, ao renunciar a este modelo, também liberta o seu pólo antagônico: o Opressor. Estabelece-se, só então, a possibilidade da verdadeira vocação do ser que só se faz possível, de acordo com Freire, a partir de relações de solidariedade e de comunhão entre os homens. É possível observar que esta categoria contribui para compreensão da complexidade de modelos operativos sociais, assim como de modelos intrínsecos à escola.

Cultura

A ideia de Cultura em Freire se coloca como um dos eixos fundamentais para o reconhecimento do ser enquanto sujeito portador de direitos inalienáveis, pois reconhece a Cultura como atividade humana que se realiza a partir da interação entre os sujeitos que compõem determinada comunidade/sociedade dentro de sua realidade concreta. Freire também fala da Cultura do Silêncio, a qual se realiza a partir do não reconhecimento de culturas populares e da imposição de modelos culturais de setores dominantes da sociedade. Desta forma, aquele que é visto como “despossuído” de cultura, o Oprimido, deve se submeter aos predicativos culturais impostos por outrem. Este processo visa silenciar os Oprimidos que não se reconhecem como sujeitos portadores de conhecimento impossibilitando ações de transformação do mundo.

Segundo Freire, este processo é fundante do modelo da Escola Bancária que, ao não reconhecer os educandos como portadores de saberes, estabelece modelo unidirecional do conhecimento. Por meio da compreensão desse conceito é possível averiguar a compreensão dos saberes que circulam no processo educativo das narrativas estudadas e verificar como as construções narrativas operam sobre os conhecimentos reconhecidos e legitimados pela educação escolar.

Diálogo e dialogicidade

Em *Extensão ou Comunicação*, o autor afirma, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1980, p. 69). Pelo fato de o diálogo se fundar na prática social, Freire reconhece a possibilidade do verdadeiro diálogo, o qual se funda na palavra autêntica, no processo de transformação do mundo. Para que o verdadeiro diálogo aconteça, faz-se necessário o engajamento dos participantes e o comprometimento destes com o mundo. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgota, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2005, p. 91).

A prática escolar estabelecida no processo bancário se realiza a partir do monólogo, no qual aquele que “conhece”, o educador, é autorizado a despejar seus “conhecimentos” ao outro pólo desconhecedor, o educando, que deve se submeter de forma passiva aos “conhecimentos” apresentados como representação da verdade. Já o processo de educação libertadora tem como perspectiva a superação dos modelos opressivos da educação, isto é, o reconhecimento do outro como portador de saberes legítimos. Logo o “outro pólo”, o educando deve participar ativamente do processo educativo³.

Esta categoria proposta contribui para compreensão das práticas que se estabelecem dentro dos espaços escolares, tanto no que diz a respeito à organização espacial do espaço, quanto em relação aos diferentes diálogos que se constituem nas práticas narrativas escolares.

Exclusão social

Freire compreende a exclusão social a partir do processo coletivo da sociedade, a exclusão seria então própria do sistema social estabelecido e não uma distorção do sistema social a ser “corrigida” pela ação de inclusão social. Desta forma, compreende-se que a exclusão social não se “corrige” através de um processo de inclusão social, o que apenas perpetuaria o sistema opressor. A única forma de superação da exclusão social e da marginalização se dá por meio da superação das estruturas sociais opressivas.

³ O processo do reconhecimento e da legitimação do conhecimento do outro não passa necessariamente pela aceitação desse outro de forma impositiva, mas pela compreensão desse saber como passível de reestruturação a partir de uma prática problematizadora e dialógica.

Na verdade, porém, os marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram *fora de*. Sempre estiveram *dentro de*. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integra-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si” (FREIRE, 2005, p. 70).

Elencadas categorias de análise a partir de conceitos da obra de Paulo Freire passamos para a fase de análise do objeto empírico com o objetivo de compreender de maneira mais complexa as construções narrativas das ficções estudadas. A proposta aqui não é a de estabelecer análise específica do campo próprio da educação, porém, a de estabelecer uma maior inteligibilidade, por meio da própria Educação, ao nosso objeto comunicacional.

As diferentes escolas

Anos Dourados (1986)

A série *Anos Dourados*, exibida em 20 episódios em 1986⁴, traz duas tradicionais escolas no Rio de Janeiro da década de 50: o Instituto de Educação, onde estudam a protagonista Maria de Lourdes, Lurdinha (Malu Mader), e suas amigas Marly (Paula Lavigne) e Marina (Bianca Byington); e o Colégio Militar onde estuda o seu par romântico Marcos (Felipe Camargo), assim como seus colegas Urubu (Taumaturgo Ferreira) e Claudionor (Antonio Calloni). Ambas escolas possuem forte caráter conservador pois, mais do que formar moças e rapazes para a carreira docente e militar respectivamente, preparam a jovem geração para a vida em sociedade a partir de valores de determinado segmento social - famílias tradicionais cariocas de classe média e média alta.

Às mulheres de *Anos Dourados* cabe o desígnio de um bom casamento (leia-se marido rico e/ou de família abastada e tradicional) e o reconhecimento social de boa esposa e mãe. O auge de uma possível carreira profissional dá-se no magistério voltado ao ensino fundamental e o Instituto de Educação representa excelência nessa formação. Já aos homens é dada a responsabilidade pelo provimento e conforto da família, daí a ênfase na construção de um futuro profissional bem-sucedido para os rapazes. O Colégio Militar é visto como uma instituição séria e disciplinadora, competente para formar o caráter dos jovens e prepará-los para a carreira militar ou para uma boa inserção profissional. Essa colocação no mercado de trabalho consiste para esse extrato social em

⁴ Escrita por Gilberto Braga e dirigida por Roberto Talma, *Anos Dourados* foi veiculada pela Globo de 5 a 30 de maio de 1986, no horário das 22h30.

dar continuidade aos negócios da família ou em atuar nas tradicionais áreas de engenharia, medicina ou direito.

Por estarem focadas na disciplina, na formação moral e na transmissão do conteúdo considerado relevante pelas direções das escolas, as duas instituições, a partir da visão freiriana de educação, podem ser consideradas escolas bancárias. De acordo com Freire (2005, p. 66), “Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão”, o autor conclui “Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 2005, p. 66). Quando o aluno Marcos é flagrado lendo um livro durante a aula, já no primeiro episódio, não há discussão sobre sua infração ou sobre o teor do livro, ele simplesmente recebe a punição de passar o final de semana internado no Colégio Militar. Glória (Betty Faria), mãe de Marcos, discorda dessa conduta rígida, mas não consegue conversar com os responsáveis da escola por se sentir discriminada. Qualquer atitude fora das normas ou dos padrões estabelecidos pela instituição de ensino são reprimidas com medidas disciplinadoras, no caso de Marcos, cada vez mais severas, o que muito preocupa Glória que, apesar das críticas, enxerga no Colégio Militar uma possibilidade de ascensão profissional e social para o filho.

Esse modelo de escola bancária satisfazia à necessidade da classe social que frequentava ambas as instituições, a de moças e a de rapazes, classe social esta composta pela elite dominante da época. Isso porque a essa classe social interessa a manutenção do *status quo*. A educação é focada na absorção e na reprodução de conhecimentos e da cultura europeia (principalmente as moças aprendem francês e piano como parte de sua formação), numa espécie de *mimesis* do comportamento de um europeu médio considerado bem-sucedido.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica e que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2005, p. 68).

Daí a ênfase no ajustamento, na adaptação às normas, às condutas, à moralidade, sem espaço para questionamentos, posicionamentos críticos ou contestatórios. Os discentes são oprimidos aqui pela Educação que os trata como depósito de conteúdo e não abre espaço para diálogo ou troca, ainda que sejam compostos pela elite dominante.

“Esta influência do lar se alonga na experiência da escola. Nela, os educandos cedo descobrem que, como no lar, para conquistar alguma satisfação, têm de adaptar-se aos preceitos verticalmente estabelecidos. E um destes preceitos é não pensar” (Freire, 2005, p. 177).

A personagem da professora Laís aparece já no primeiro episódio e, ainda que permaneça como personagem secundária, vai crescendo em importância na trama ao, preocupada com Lurdinha, tomar a iniciativa de intervir junto a seus pais em prol do relacionamento com Marcos. Essa atitude da professora tem lugar porque a família de Lurdinha e a comunidade escolar reconhecem sua autoridade social e sua interferência muda o andamento do enredo possibilitando o namoro entre os protagonistas. Ao mesmo tempo em que contribui para união do jovem casal, a educadora vai se consolidando ao longo da narrativa como referência de mulher, mãe, esposa e profissional para Maria de Lourdes e, pode-se dizer também para espectadores. Sua postura e sua forma de pensar contrasta com as dos demais personagens, principalmente com as das mulheres, por revelar-se mais acolhedora, madura e dialógica. Seu desempenho como docente em sala de aula, contudo, tratado em poucas cenas não parece se diferenciar do de demais educadoras do Instituto de Educação no sentido de priorizar a transmissão do conteúdo e exigir postura disciplinada e atenciosa das alunas.

Anos Rebeldes (1992)

A série de 20 episódios⁵ tem início com apresentação de personagens e ambiência no Rio de Janeiro às vésperas do golpe militar num clima de normalidade e de uma certa efervescência com os quatro amigos,⁶ já no último ano letivo, tentando organizar seminário na escola para discutir profissões. Os rapazes pedem orientação ao professor de história Inácio Avelar (Kadu Moliterno) a respeito da lista de palestrantes a serem convidados para a Semana de Carreira no Colégio Pedro II. O professor elogia as indicações e encoraja a iniciativa, mas dias depois:

No momento em que a direção da escola vê a lista de profissionais a serem convidados, com nomes como os de Oscar Niemeyer, Evandro Lins e Silva, Orlando Damasceno e Oduvaldo Vianna Filho, desaconselha o evento, dando como desculpa a falta de espaço e horários, frisando bastante que não lhe parece o momento apropriado, ou indicando que talvez haja lugares melhor do que o colégio para essas reuniões (BRAGA, 2010, p. 45) .

⁵ Também escrita por Gilberto Braga, com colaboração de Sérgio Marques, Ricardo Linhares e Ângela Carneiro, *Anos Rebeldes* é dirigida por Dennis Carvalho e exibida de 14 de julho a 14 de agosto de 1992, no horário das 22h.

⁶ O grupo é composto pelo protagonista João Alfredo (Cássio Gabus Mendes); Edgar Ribeiro (Marcelo Serrado) melhor amigo de João, mas que disputa o amor de Maria Lúcia; Galeno Quintanilha (Pedro Cardoso); e Valdir (André Pimentel).

Na mesma escola estuda Maria Lúcia (Malu Mader), filha do jornalista esquerdista Orlando Damasceno (Geraldo Del Rey) que integra a lista dos palestrantes. Procurada por João Alfredo (Cássio Gabus Mendes) e seus colegas para contatar o pai, Maria Lúcia se aproxima do grupo e se envolve com João – estabelece-se assim a trama principal com o caso de amor entre os dois protagonistas tão diferentes quanto enamorados. A movimentação do grupo na escola continua, com reuniões estudantis, produções de artigos para o mural e instalação de mimeógrafo em sala da escola. Contudo, à medida em que o cenário político recrudescer, a escola, embora não se atenha a questões morais e não demonstre postura rígida e disciplinadora, mostra-se cada vez menos aberta a atuação de seus estudantes, proibindo as reuniões, vetando artigos que estavam no mural e desautorizando o uso da sala para instalação do mimeógrafo. Ao mesmo tempo em que professores como Avelar mostram-se solícitos, dialógicos e estimulam as iniciativas dos educandos, a direção da escola vai manifestando desconforto crescente com as iniciativas críticas e esquerdistas do alunado.

A participação do personagem do professor de história não se dá apenas no ambiente escolar, o professor dialoga com amigos sobre política em bares cariocas e em casa e a partir do capítulo 5 passa a se relacionar amorosamente com a mãe de Heloísa (Cláudia Abreu), Natália Andrade Brito (Betty Lago), casada com Fábio Brito (José Wilker). Esse romance constitui a segunda teia narrativa da série. Com o recrudescimento da repressão nos últimos episódios, o professor passa a atuar de forma mais ativa politicamente, escrevendo artigos e enviando textos e documentos clandestinamente para o exterior no intuito de ajudar amigos e alunos que foram presos pelo regime militar.

Outro docente do Colégio Pedro II é o professor de português e literatura Juarez (Bernardo Jablonski), que divide apartamento com o prof. Inácio Avelar e com o fotógrafo do mesmo jornal onde trabalha Damasceno, Ubaldo (Tuca Andrada). Tem participação pequena na trama pois, já no episódio 2, passa ser perseguido pela polícia por ter sido coordenador da Campanha Nacional de Alfabetização do governo anterior. Esconde-se às pressas e foge do Brasil com ajuda dos amigos (episódio 3).

A partir do quarto episódio, a narrativa avança no tempo e os jovens estão nos respectivos cursos universitários. Maria Lúcia, Lavínia e Galena estudam Jornalismo na PUC, João Alfredo estuda Ciências Sociais em Filosofia, Edgar e Valdir, Economia, Heloísa faz cursinho para vestibular e estuda violão. Galeno está mais animado com seu trabalho no teatro Opinião e com seus escritos de peça de teatro do que com o curso de

jornalismo. O ambiente universitário é marcado por movimentações culturais e políticas, assembleias estudantis. No segunda episódio, a polícia invade a Faculdade de Direito onde estava ocorrendo assembleia com mais de 300 participantes. No capítulo 6, outra assembleia de grande porte tem lugar no teatro Gláucio Gill, desta vez a polícia espera os participantes dispersarem para prenderem os líderes, Damasceno é um deles. No capítulo 7, a polícia cerca a Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, arromba a porta, invade o prédio da faculdade, agride e prende participantes de assembleia estudantil.

É possível categorizar as faculdades e universidades da trama de *Anos Rebeldes* como instituições dialógicas, a partir do conceito desenvolvido pelo Paulo Freire, por permitirem espaço de troca, de discussão, de questionamentos sociais, políticos, culturais, ainda que essas trocas e discussões não se deem necessariamente do ponto de vista do ensino ou do conteúdo disciplinar. “A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2005, p. 77). Assim, o ambiente pulsante, agregador e crítico das instituições de ensino superiores apresentadas impulsiona mudanças ou posicionamentos sociais revolucionários à época em que se passa a trama (entre 1964 e 1967 principalmente).

Malhação - Viva a Diferença (2017)

Essa temporada de *Malhação* traz cinco amigas⁷ e duas escolas nos holofotes de ações, conflitos, encontros e desencontros: a escola pública Cora Carolina e a particular Colégio Grupo. Embora as instituições de ensino estejam localizadas no foco da trama, questões de cunho pedagógico, de ensino ou de relacionamento docente X discente praticamente inexistem. Os poucos professores que possuem alguma relevância no enredo desempenham papéis na coordenação pedagógica ou na direção. Ainda que o foco de *Viva a Diferença* seja predominantemente comportamental e social, é possível propor discussão a cerca do perfil de ambas escolas. A Cora Carolina mostra-se aberta à comunidade escolar, envolvendo educandos e familiares em ações conjuntas, acolhedora e propositiva em relação aos discentes e funcionários, representados pela personagem Josefina, mãe de Benê e Julinho (Davi Souza).

⁷ Keyla (Gabriela Medvedoviski), Benê (Daphne Bozaski), Ellen (Heslaine Vieira), Lica (Manoela Aliperti) e Tina (Ana Hikarie).

A diretora, Dóris Belink (Ana Flavia Cavalcanti), reflete postura dialógica junto a alunas, alunos e funcionária, mostrando-se comprometida com a escola e com o corpo discente. Em mais de uma ocasião, Dóris extrapola a atuação de diretora e se envolve com questões pessoais e familiares do alunado. Quando o aluno Francisco, mais conhecido por Fio (Lucas Penteado) é vítima de maus tratos e preconceito por parte de seguranças de prédio por ser negro e pobre, é a diretora quem convence o rapaz a denunciar e o acompanha até delegacia especializada para prestar queixa. Os episódios nos quais Teobaldo, conhecido por Tato (Matheus Abreu), é vítima de violência do pai têm interferência da diretora que conversa com o aluno, com o pai, aciona Conselho Tutelar e até ajuda o rapaz a encontrar um lar provisório enquanto o processo tramita na justiça. No caso do Douglas que veio de outra escola e demonstra dificuldades de comportamento e relacionamento com os colegas, é a atuação da diretora na direção da escola que ajuda o rapaz a superar suas dificuldades. Obrigado a trabalhar na biblioteca, ao invés de ser denunciado por violência contra a diretora, Douglas aos poucos vai se encontrando, descobrindo vocação e, com o suporte da própria Dóris, confiando mais em si, nas pessoas e instituições.

Já a convivência entre discentes e o corpo do Colégio Grupo, em especial em relação à direção da escola, presidida pelo pai da Lica, Edgar Gutierrez (Marcello Antony), que também é dono e filho do fundador, é repleta de conflitos e divergências de interesses. Diferentemente do seu pai, Edgar sustenta uma visão empresarial, encara a escola como um negócio e não esconde sua gana por lucro. O coordenador pedagógico da escola Boris Belink (Mouhamed Harfouch) faz um contraponto desempenhando papel de intermediador entre direção e alunado, com postura mais acolhedora em relação aos discentes e visão mais progressista da escola e da proposta pedagógica. Conquanto pesem inúmeros conflitos, há espaço para diálogo na escola e, não raro, a direção termina por ceder aos apelos estudantis. Pode-se observar, contudo, um esforço por parte da escola e de boa parte da comunidade escolar em ajustar o corpo discente às normas da escola e da sociedade e à construção de projeto de vida que suas famílias almejam.

Em ambas escolas, pública e privada, a figura do docente é bastante apagada e há poucas problemáticas ligadas ao aprendizado e ao pedagógico. Apesar de a série trazer na sua base universo educacional as questões ligadas a aprendizado e relação professor X aluno – praticamente inexistentes. Mesmo com perfis diferentes, ambas instituições de ensino apresentam uma abordagem bancária de escola.

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 2005, p. 80).

Na pública há postura afetiva e compreensiva por parte da direção da escola em relação aos estudantes, porém problematizações ou movimentos de mudanças sociais não são construídos. No colégio privado a relação dos estudantes com a direção é conflituosa e, por vezes autoritária, porém os estudantes realizam progressos em relação a suas pautas de reivindicação e encontram espaço para se expressarem. Com suas características um tanto específicas e contrastantes ambas instituições de ensino ao longo do enredo construído não apontam para um processo de mudança socialmente significativo.

Segunda Chamada (2019)

Em *Segunda Chamada*, a escola pública Carolina Maria de Jesus, que recebe jovens e adultos para ensino noturno, é o foco da trama, na qual os personagens, boa parte em situação de marginalidade ou vulnerabilidade, lidam com dificuldades as mais diversas, oriundas de suas vidas precarizadas, desprovidas de estrutura familiar e social, tendo em comum a escola como espaço de apoio, reconhecimento e projeção de algum futuro. *Segunda Chamada* revela, entre paredes pichadas e janelas partidas, um compêndio de dramas humanos que, para além de uma realidade crítica de classe, avança por questões da própria existência humana e vai sendo revelado no espaço da escola, palco e também personagem na redenção ou dissolução dessas tragédias.

Na série os professores⁸ são praticamente os protagonistas da trama, ocupando foco principal e desempenhando papel ativo na sala de aula e nas questões enfrentadas pelo alunado, pela escola e também por eles mesmos. Seus dramas pessoais (dependência química, violência doméstica, busca da família biológica, relacionamento com marido, filho(a), dificuldade financeira) costuram arcos narrativos que perpassam episódios. Funcionários como o inspetor Russo (Rodolfo Mesquita) e as merendeiras Jerusa e Dalva (Elvira Helena), embora de forma mais tímida, têm voz e vez, como no terceiro episódio da segunda temporada quando Dalva marca os pratos dos alunos e alunas da escola que

⁸ Professora de português Lúcia Rocha (Débora Bloch), professor e diretor Jacinto Queiroz Araújo (Paulo Gorgulho), prof.^a de matemática Eliete Sabá (Thalita Carauta), prof.^a de história Sônia Carrasco (Hermila Guedes), prof. de Artes Marco André (Sílvio Guindane). Participação pontual do professor de português que substituiu Lúcia, Paulo Moreira (Caio Blat).

estão em situação de rua, gerando grande constrangimento à ponto de os alunos desistirem da escola.

Apesar de tratar dos dramas humanos vivenciados em sua maioria pelos discentes, a escola em sua dinâmica não propõe mudança estrutural. Os discentes são instados a finalizar o ensino fundamental frequentando a escola a qual, mesmo precarizada, oferece um certo apoio e uma possibilidade de construção de futuro, de busca por dignidade, porém o processo de conquista se dá de forma majoritariamente individualizada. Os enfrentamentos dos problemas, as falhas e os êxitos revelam processos particularizados, carentes de uma perspectiva de construção conjunta. Paulo Freire fala do individualismo como parte do mecanismo de dominação, “Insistindo as elites dominadoras na manipulação, vão inoculando nos indivíduos o apetite burguês do êxito individual” (2005, p. 170). Os discentes são, portanto, caracterizados como oprimidos pela ausência de mudança estrutural em suas vidas, embora tenham boas relações interpessoais com professores e funcionários da escola.

Em algumas situações, contudo, há um posicionamento ousado por parte dos docentes levando os discentes a experienciarem outra visão de mundo e posicionamentos mais críticos, como no capítulo 3 da segunda temporada no qual os professores passam a dar aula no pátio da escola ao redor de fogueira feita pelos alunos abordando o tema da censura como forma de lidar com situação de cerceamento na aula de Artes porque um aluno se sentiu incomodado com obra de Nelson Rodrigues, *O beijo no asfalto*. Se por um lado, analisando a postura do diretor e dos funcionários a escola em *Segunda Chamada* pode ser caracterizada como Bancária, em determinadas posturas dos professores é possível vislumbrar elementos da Educação Libertadora. O comprometimento dos professores, suscetíveis à troca e ao diálogo, permitem, ainda que de forma pontual o pressuposto de Paulo Freire de Educação Libertadora, por meio da elaboração dos conflitos em conjunto com os sujeitos que dele fazem parte para uma superação ontológica, para o *Ser mais* que implica no reconhecimento do sujeito como portador de sua dignidade humana.

Considerações

Ainda em fase de desenvolvimento a pesquisa verifica que ao construirmos essa interseção entre o pensamento freiriano, por meio de conceitos-chaves adaptados à condição de categorias, e a Análise do Discurso com seus pressupostos analíticos e metodológicos, a fim de investigar um fenômeno comunicacional da ordem do discurso

que trata do imaginário educacional, conseguimos aprofundar o olhar em relação ao objeto empírico em diversos âmbitos como a perspectiva ideológica dos discursos narrativos, as caracterizações de elementos comuns presentes nas narrativas, a possibilidade de relacionar essas diferentes construções e a percepção de contradições e incoerências na própria construção de concepção de escola, de educação, de docência dentro dos diferentes discursos. É possível entrever que cada narrativa estrutura visão específica de escola, de educação pública, assim como de demais sujeitos que compõem o universo educacional (educadores, alunos, funcionários, comunidade escolar) a partir da proposta da narrativa, ainda que essa trama discursiva apresente contradições internas de concepções desses elementos.

Mais do que apontar achados, contudo, essa aproximação com outros campos do saber pretendida no presente trabalho, presta-se a lançar luz sobre possibilidades de análises de processos comunicacionais para além do contexto textual e entre diferentes produções narrativas.

Referências

BRAGA, Gilberto. **Anos rebeldes**: os bastidores da criação de uma minissérie. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ORLANDI; Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.